Esoterismo e Cristianismo em torno de René Guénon

O trabalho de Marie-France James pertence àquelas ferramentas de formação cujo estudo é necessário. Ele descreve um dos perigos mais temidos hoje em dia, que é o progresso sorrateiro do esoterismo gnóstico e oriental. Essa doutrina esotérica é professada por equipes de acadêmicos de alto valor cuja erudição podemos admirar, mas cujos julgamentos não devemos adotar. A preparação dessas equipes, atualmente em plena atividade, remonta à época de R. Guénon.

É precisamente a história dessa preparação que M.F. James retoma. Ela o faz com uma incrível minúcia que confere ao seu trabalho um grande valor documental. Encontramos nele, sobre o passado gnóstico e maçônico de Guénon, detalhes que não são encontrados em nenhum outro lugar. As informações que ela publica abrangem desde o início do último século até os dias mais recentes. No entanto, seu livro foi publicado em 1981. Portanto, nada está desatualizado ou inútil neste trabalho. Muitos trechos são resultado de uma investigação pessoal junto aos interessados.

Este livro não é difícil de ler, pois contém, em grande número, notas pitorescas e psicológicas que dão vida e até mesmo agitação aos personagens. No entanto, as questões doutrinárias aqui debatidas são ainda assim sutis e exigem certa atenção. Portanto, este trabalho é dirigido principalmente a executivos, redatores de artigos, homens reflexivos, pessoas consultadas que precisam julgar e entender bem o que está acontecendo invisivelmente. Para eles, é verdadeiramente uma obra fundamental que um dia precisarão possuir, assim como é necessário possuir "Integralismo e Catolicismo Integral" de Ponlat, apesar de alguns julgamentos contestáveis.

Marie-France JAMES expõe as vicissitudes de uma batalha filosófica e religiosa de importância capital: a de R. Guénon contra a ortodoxia cristã, durante os anos que antecederam e seguiram a Primeira Guerra Mundial. Ela estuda principalmente, nesse confronto espiritual, dois teatros de operações. O primeiro é a tentativa de penetração da metafísica oriental dentro da teologia tomista. O segundo é a inoculação do temível "fermento de malícia" que constitui o esoterismo cristão.

René Guénon esperava convencer os neo-tomistas da época, liderados por Jacques Maritain, a adotar sua metafísica vedantista. E uma vez que essa metafísica fosse aceita, todo o resto de sua doutrina teria "passado" muito facilmente. Mas Maritain, inicialmente cortês, logo percebeu a armadilha e se opôs a Guénon de forma tão perspicaz quanto a de Tomás de Aquino. E certamente não foi o único; mas deixemos aos leitores de M.F. James a surpresa de descobrir os outros.

Quanto ao esoterismo cristão, essa úlcera que está corroendo as bases da Religião, não foi inventado por R. Guénon; é uma ideia muito antiga da maçonaria. Mas ele soube dar a ela uma singular sedução. Também aqui houve cristãos vigilantes e instruídos, especialmente na revista "La

R.I.S.S." de Monsenhor Jouin, para desmontar o sistema guenoniano e recusar-se a aceitá-lo. Será lido com interesse os grandes momentos dessa batalha e a descrição das personalidades coloridas que nela se enfrentaram.

René Guénon não se contentava em expor sua metafísica vedantista e seu esoterismo universal; ele também havia declarado guerra não apenas a todo o conjunto do materialismo moderno, mas também a algumas formas mais ou menos charlatãs do espiritualismo contemporâneo, em particular ao teosofismo de Madame Blavatsky e ao espiritismo de Alan Kardec. E suas declarações, apresentadas por ele com um talento magistral, é preciso reconhecer, lhe valeram muitos amigos entre os católicos de tendência tradicional que lutavam contra esses mesmos inimigos materialistas, teosofistas e espíritas. A tríplice crítica de Guénon provocou aplausos quase unânimes. Os mais entusiasmados desses aplausos foram os de Léon Daudet na Action Française.

Mais nem todos foram seduzidos pelas justas críticas guenonianas. Marie-France James cita abundantemente passagens escritas por eruditos religiosos de todos os ordens, especialmente dominicanos e jesuítas, para os quais a parte crítica da doutrina de Guénon não poderia servir de pretexto para a adoção de todo o seu orientalismo. Falando dessas críticas feitas ao mundo moderno, o Reverendo Padre Bernard Allo conclui: "tudo isso não deve ser suficiente para os católicos o considerarem um aliado; nossa ingenuidade tem limites".

Será lido com interesse a história da colaboração de Guénon na revista "Regnabit" do Reverendo Padre Anizan e na "Sociedade para o Radiante Intelectual do Sagrado Coração". Apesar de sua obstinação, apesar de seus sucessos iniciais, apesar das fiéis amizades estabelecidas, ele nunca conseguirá realmente penetrar nos círculos católicos. E se, em 1930, ele parte para o Egito, é em grande parte porque falhou na França nesse trabalho de penetração. Ele sente que o momento não é oportuno.

Estabelecido no Cairo, cercado de muçulmanos, ele observa de longe seus amigos europeus, reunidos em torno da revista "Les Études Traditionnelles". Eles tomam o tempo para educar uma elite formada em suas doutrinas. Guénon morreu em 1951, há mais de 30 anos. Hoje, essa elite, que tanto lhe faltou em vida, tornou-se operacional e está voltando para atacar uma Igreja agora desmobilizada e desmoralizada pelo Concílio. É hora de nós nos instruirmos e estudarmos a documentação oferecida por Marie-France James.

Toda a parte central de seu livro milita no sentido da INCOMPATIBILIDADE da doutrina guenoniana com o cristianismo. Pelo menos é isso que ela expressa com perseverança na grande maioria de seus desenvolvimentos. E essa é a opinião que se obtém de seu livro quando não se lê nem a introdução nem a conclusão.

No entanto, a introdução de Jacques-Albert Cuttat e a conclusão de Marie-France James claramente têm como objetivo levar o leitor a modificar esse julgamento de incompatibilidade.

Jacques-Albert Cuttat não esconde que é discípulo de René Guénon. Mas ele pretende trazer, à doutrina do Mestre, um corretivo que a torne aceitável pelos católicos. Bastaria, como já faz outro guenoniano, Frithjof Schuon, personalizar um pouco mais o Deus metafísico e abstrato do vedantismo para fazê-lo entrar, de qualquer maneira, na construção teológica cristã. Com essa

adaptação, Jacques-Albert Cuttat faz René Guénon ressurgir entre os tradicionalistas com uma nova força. E ele conclui sua introdução escrevendo:

> "Mas esse passado pouco cristão não deve ocultar o fato de que Guénon é um dos raros gênios espirituais do nosso século. Isso significa que desejo a ele muitos leitores. O trabalho de Mademoiselle James certamente contribuirá para isso."

E quatrocentas páginas adiante, em sua conclusão, Mademoiselle James mesma conduz seu leitor de volta à doutrina de seu prefaciador. Ela escreve:

> "Jacques-Albert Cuttat busca sugerir a ideia, o projeto de uma 'convergência' que aparece sob os traços de uma 'síntese assomptiva' envolvendo de ambos os lados uma 'recapitulação por superação in Christo'... É assim que Jacques-Albert Cuttat, em consonância com o espírito do Vaticano II, convida os cristãos de hoje a se envolverem em uma abordagem de síntese assomptiva, ou seja, a prefigurar em si mesmos, a partir de um nível de profundidade o mais próximo possível do do Oriental, a mudança interna esperada dele".

Do livro de Marie-France James, portanto, destacaremos toda a parte DOCUMENTAL, que é considerável, pois prova o que ainda era muito discutido, ou seja, "esse passado gnóstico e maçônico de Guénon". Mas recusaremos o convite à "síntese assomptiva" proposta por Jacques-Albert Cuttat, porque, em última análise, constitui uma séria poluição para a nossa Santa Religião, à qual não podemos consentir.

Revision #2
Created 13 June 2024 02:58:12 by Admin
Updated 13 June 2024 02:59:05 by Admin